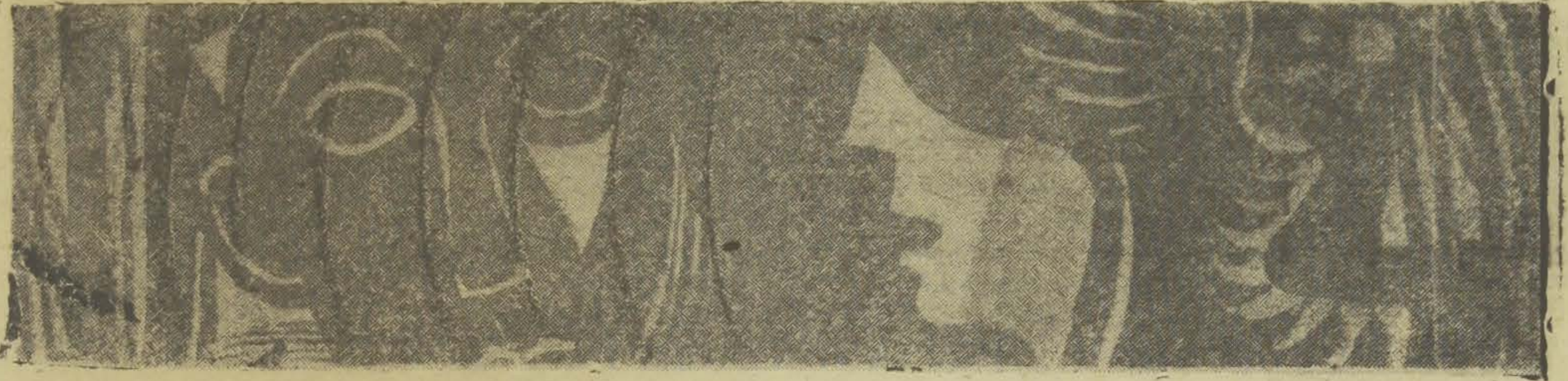


Correio das Artes

Ano 1 Número 9 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 22-5-1949



O Romance Moderno

CYRO DOS ANJOS

Em seu livro "Portrait de notre héros", o ensaísta e romancista francês R. M. Albérès procura configurar os caracteres daquilo que ele define como "uma nova estação de sensibilidade", no campo romântico.

Parece-lhe que um romance de hoje, um autêntico romance de nosso tempo, com sua insípida e sensual realidade, deve atordoar-nos como um sóco nos queixos. Essa lucidez desesperada dos livros de ensaios, essa brutalidade sombria do teatro de Sartre ou de Anouilh, esse odor de sangue fresco do romance contemporâneo — diz Albérès — são os cores, os sons e os perfumes de um mundo novo, cujo demiurgo ignoramos ainda. São os indícios de uma nova estética, ainda não de todo conhecida por nós, mas que aceitamos instintivamente, identificando-a como a de nosso tempo.

"Há um herói 1944, como houve um herói 1830 — escreve Albérès. Ao ler Byron e Musset, não podemos deixar de sorrir, quando nos aparece aquele personagem elegante e um tanto tenebroso, atormentado pelas paixões, vestido à moda de um dandy e com ares entediados".

Mais viril, o herói de nosso tempo é um ser errante e ins-

tável, brutalmente corajoso diante das violências do mundo. Por pudor e por excesso de força, esse herói do romance moderno fugirá às ternuras e afeições, mostrar-se-á canhestro na vida e no amor.

E o romance contemporâneo — continua Albérès — deixou de ser apenas uma evasão passageira; já não é somente uma hara que se furta ao quotidiano brutal. E, se não se alimenta do sonho, também não se escraviza à massiva realidade. Nem pertence à terra, nem às nuvens. Não se move na vida real, nem na imaginária. Emerge de dentro de nós, emana das águas profundas desta vida tão

duramente lógica e tão turbada pelo exterior, que vivem em nós aquelas coisas a que mais nos apegamos. Esse romance moderno apareceu com "Le grand Meaulnes".

"Não mais se pede ao romance que nos conte uma história, uma fábula", exclama Albérès — escritor eloquente e torrential, que escreve como se estivesse a pregar, num comício. "Exigimos que ele nos faça meditar sobre nós mesmos, faça falarem em nós as vozes a que o mundo ou nossa vontade até agora impuseram silêncio".

Tal romance exige uma técnica aparentada com a do cine-

ma: seca, precisa e violenta.

E esse romance não se contentará a si mesmo. A sinuação do leitor há-de nascer do descobrimento do sentido trágico, estético ou moral — que o autor não tornou explícito, mas quis exprimir através da ação dos seus personagens.

É um romance de idéias. Há quarenta anos, diz Albérès, vem-se verificando uma verdadeira descida das idéias no território do romance. As correntes de pensamento, que percorreram o campo do ensaio literário ou filosófico há cerca de quatro décadas, passam a dominar o romance contemporâneo.

Albérès alude a Nietzsche e Kierkegaard e, mais proximo, a Claudel, Peguy, Unamuno, Papini, Prezzolini, Splenger, Chesterton, Belloc, Lawrence. Tudo o que hoje nos impressiona, venha do fenomenologista Sartre ou do existencialista Camus foi dito aí por volta de 1910, e até muitas vezes, de modo pueril, por qualquer ensaísta ou polemista.

Assim — continua o nosso autor — de jogo e de leitura recreativa, o romance passou a ser também instrumento de conhecimento. Da simples descrição, da peripécia, ou da imaginação gratuita, evoluiu à hierarquia de "testemunho". Encarrega-se, agora, de nos

S O N E T O

CARLOS MOREIRA

ESSA TARDE DUROU UMA AÇUCENA
OS TEUS LÁBIOS PERDERAM-SE ENTREABERTOS
NAS ARESTAS DA PEDRA ENEGRECIDA
ESTENDI MEU DESEJO INCANDESCENTE.

TUAS MÃOS MODULAVAM PASSARINHOS
OS TEUS PEITOS CAMINHOS E GUITARRAS
MAS A TARDE DUROU UMA AÇUCENA
DEIXANDO TUAS FACES PRESENTIDAS.

EU PERDI NESSA TARDE UMA CANTIGA
TODO O OURO DO MAR FUGIU DA VISTA
CONTEMPLEI-TE NO TEMPO E NAS AREIAS

ENTRE MIM E TEU SEXO NEVOEIRO
MUITO LEVE TEU CORPO ESMAECIA
NESSA TARDE DE FLOR E O TEU SILÊNCIO.

instruir, e com os mesmos títulos de um tratado de biologia ou de um manual de psicologia. Tornou-se conhecimento do mundo e síntese prática de todos os conhecimentos.

"Magro alimento para nossos anseios de verdade, estas experiências humanas do romance, posto que corajosas e desesperadas!" exclama Albérès. "Todavia, continua, para a maior parte do público a leitura do romance constituirá o único instrumento de procura duma certeza que possa fundar uma moral... Neste século urbano e mecanizado, poucos homens encontrariam, fora do romance, oportunidade de perceber a existência desse problema, que é o sentido da vida".

Assim, conclui Albérès, defrontamos esse paradoxo: a um gênero literário que, afinal, se funda na fantasia e na imaginação, se confiaram as aspirações e inquietações concernentes à salvação do homem!

Mailraux, Faulkner e Kafka explicam-se em Heidegger e Sartre: constituem a transcrição literária de uma filosofia.

Outra característica do romance moderno — ao ver de Albérès — é a sua religiosidade. Assim, assinala a entrada de uma época que, não sendo cristã, é, contudo, religiosa — embora não os possa falar seriamente na existência de uma nova religião.

"O senso do milagre e do maravilhoso deixou de ser puramente estético para se tornar realmente metafísico. Essa religiosidade difusa, mas persistente, que por certo não chegará a cristalizar-se em torno de uma teologia — conclui o ensaísta francês — é uma das marcas mais nítidas de nossa época. E o acento profundamente original desse estado de espírito faz-nos pensar naquilo a que Berdiaeff chamava "uma nova Idade Média".

Novos e Velhos

JOSE LINS DO RÊGO

PERGUNTA-ME, em carta um tanto agressiva, um novo de Porto Alegre: "Afinal, o sr. é contra ou é a favor da literatura da mocidade?".

E eu respondo através desta coluna:

"Meninos, sou a favor, até demais".

Há pouco, o mestre Graciliano Ramos, em entrevista a uma revista, dizia mais ou menos o seguinte: "José Lins do Rêgo, recebe um original de romance, não lê e gosta". O que exprime um grande exagero, mas que define a atitude de nenhuma inveja e medo dos novos. Sou, por natureza, um admirador de todos os movimentos de renovação. Agora, o que não sou é um bajulador de todos os novos e nem tão pouco levo a sério as atitudes de Robespierre que não pode ver a cor de sangue de um Lêdo Ivo, moço de verdadeiro talento criador, mas todo possuído do complexo de Ana Bolena, isto é, do "leva e traz", de fuchico como condição essencial para vencer. Há pouco me dizia o malicioso mineiro Ciro dos Anjos: "O Lêdo Ivo diz com muita graça: O Lins do Rêgo não lê um livro e, no entanto, pode escrever um bom artigo sobre o tal livro".

O bom é do Ciro, porque para o diabinho Lêdo não há quem saiba fazer um bom artigo, a não ser ele próprio, ou Rilke, ao tempo de sua vida. Mas tudo isto seria bem interessante, se o nosso Lêdo não se desse aos exageros das indignidades a propósito de tudo, nem ao afã desesperado de homem mais orgulhoso que um Lucifer.

Ao novo de Porto Alegre eu direi com toda sinceridade: "Sou de vocês, gosto de todas as suas irreverências, mas nada de mesquinhasarias, porque isto não é particularidade da mocidade, mas vício de velhos. E de velhos ordinários".

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

João Pessoa, 22 de maio de 1949

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Bruto Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, D'Almeida Luna, Edmur Fonseca, Edson Nery da Fonseca, Eneico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Louanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonseca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Lêdo Ivo, Lucila Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Soudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.



RELEMBRANDO — Hermano José

Mary, a Sirenesca

EUSTAQUIO DUARTE

"F RAGILITY thy name is Woman!" O velho Sainte-Beuve recolheu esta frase de um gênio e gravou-a na moldura do retrato de Mary Stuart, o mais belo retrato dos seus formosos "Portraits des Femmes Célèbres".

A gente relê Zweig sobre a linda escocesa, com a idéia calcada naquele conceito de Shakespeare. A história que êle nos conta já foi contada mais de cem vezes nesses quatro séculos decorridos. E ainda hoje, apesar de tanto tempo e tanta literatura derramada, Mary Stuart ainda empolga, seja pelo aspecto lendário de sua vida, como pelas visões de sua época terrível e grandiosa.

O primeiro cronista da bela Mary foi o rabelaisiano Pedro de Brentôme, das "Vies des Dames Illustrées". De lá p'ra cá, não se pode fazer uma relação exata de quantos biógrafos e comentaristas ela teve. Foi, porém o grande Walter Scott quem primeiro a glorificou. Esse patriarca do romance histórico não fez apenas,

sobre a sua imortal contenda, uma obra de poeta arrebatado. Praticou também um gesto de excepcional e fino cavalheirismo, rehabilitando-a no conceito definitivo da história.

Outros cronistas tiveram, em seguida, para a notável pecadora e rainha, palavras de simpatia viva: Dargaud, na sua "Histoire de Marie Stuart"; Alexandre Labanoff, Etienne Pasquier, nas "Recherches"; Mignet, o vasto e sempre exato Michelet, o mestre Beuve, das "Causeries" e, por último, George Sand, a indulgente Mme. Sand de ouvidos tão atentos e sentimentos tão apurados para os dramas silenciosos dos corações femininos.

Nenhuma outra mulher foi mais decantada em poemas do que Mary Stuart. Talvez porque tivesse vivido, precisamente, aquela época áurea que Carlyle fixou como a primavera da poesia. Seus incontáveis cortesões, em França como na Escócia, foram quase todos poetas. De Ronsard, seu mestre e mais inspirado cantor, até

Berenger, que compôs aquele tocante "Adieux de Marie Stuart", nenhum poeta deixou de sagrar o seu nome em versos do mais exaltado lirismo. E ninguém, como a encantadora e pébica rainha, podia, então, encher melhor a imaginação fervorosa de toda essa gente, porque ninguém, como ela, teve sua vida mais acidentada em romances, um comportamento mais inquieto, uma existência mais cruel e tormentosa como soberana ou como simples mulher.

O nome de Mary Stuart, em verdade, nunca foi muito sujeito às oscilações da história. Sua régia figura não tem sido, como a de Maria Cristina, de Catarina ou de Maria Antonieta, ora atraente, ora odiosa, segundo os tempos e as paixões dos historiadores. Sem embargo, porém, ela nunca deixou de ser, na sequência dos séculos, uma atração psicológica para os artistas e para os biógrafos. Aquêles que dela até hoje se têm ocupado, já mais o fizeram sem explorar bem fundo o campo

delicado da psicologia. Neste terreno, tudo o que há escrito sobre a rainha da Escócia não excede, em poder de convencimento, a esta nova história de Stephan Zweig. O espírito do malogrado biógrafo nos mostra uma realíssima Stuart, graciosa e nobre, amável e inteligente, ardente e perigosa, cheia daqueles agradáveis defeitos tão comuns às naturezas femininas e carregada, também, de traços fortes de caráter que chegariam a sublimar-se na resignação suprema e altiva coragem dos seus grandes infortúnios. Zweig soube compreender muito bem a humaníssima Stuart e reconhecer nela um tipo de exceção naquele mundo social tão fechado de preconceitos, uma alma sensível que devia ter pertencido à época deliciosa das nossas civilizações românticas. O sagaz austriaco estudou-a sem durezas e não quiz julgá-la. Olhou-a, apenas, com sabedoria própria dos psicólogos que aprenderam por experiência, que as mulheres como Mary Stuart não podiam ser diferentes do que foram.

O desfile trágico dos amores da rainha cobra valor de novidade nesta narrativa de Zweig, que procura até corrigir certos fatos duvidosos, como aquela fantástica aventura do infeliz poeta Castelar. Mas não está nisso, apenas, o mérito do livro que acabamos de reler, com agrado. Um dos seus grandes atributos está na fiel reprodução do ambiente das famigeradas cortes europeias no tempo de Mary. O biógrafo retrata com admirável nitidez os flagrantes daquela época de grandezas e de iniquidades, de paixões fervorosas e de traições vis e desenha um magnífico panorama do mundo quinhentista, naquela fase gigante da Renascença. Quem lê Zweig sobre Mary, assiste ainda a uma parada curiosa de gente célebre, sobre cujo papel histórico há muita imputação vaga, e, sobretudo, muita fantasia.

EVOCAÇÃO MARIANA

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A IGREJA ERA GRANDE E POBRE. OS ALTARES, HUMILDES.
HAVIA POUCAS FLORES. ERAM FLORES DE HORTA.
SOB A LUZ FRACA, NA SOMBRA ESCULPIDA
(QUAIS AS IMAGENS E QUAIS OS FIÉIS?)
FICÁVAMOS.

DO PADRE CANSADO O MURMURIO DE REZA
SUBIA ÀS TÁBUAS DO FÓRRO.
BATIA NO PÚLPITO SÉCO,
ENTRANHAVA-SE NA ONDA, MINÚSCULA E LENTA, DE INCENSO,
PERDIA-SE.

NÃO, NÃO SE PERDIA...
DESATAVA-SE DO CÔRO A MÚSICA DELICIOSA
(QUE ESPERAS AINDA OUVIR À HORA DA MORTE, OU DEPOIS DA MORTE, NAS
[CAMPINAS DO AR])
E DESSA MÚSICA SURGIAM MENINAS — A ALVURA MESMA —
CANTANDO.

DE SEU PÊSO TERRESTRE A NAVE LIBERTADA,
COMO DO TEMPO ATROZ IMUNES NOSSAS ALMAS,
FLUTUÁVAMOS
NO CANTO MATINAL, SOBRE A TREVA DO VALE.

Caminhos do Cinema

LUIZA BARRETO LEITE

A CONCIENCIA artística (como qualquer espécie de consciência), é uma coisa bem estranha. A gente às vezes consegue sufocá-la durante algum tempo, usando argumentos mais estranhos ainda, capazes de justificar o nosso anseio de corrompê-la em benefício de alguma paixão ou de algum interesse imediato. Mas, de repente ela desperta e estoura como rolha de garrafa de champagne. Então é o diabo. Só temos dois caminhos: amordaçá-la completamente, até provocar-lhe a morte por sufocação ou extrair dos erros passados uma honesta experiência para melhorar o futuro. No primeiro caso, estamos livres para prostituir nosso espírito e nossa arte; miserável liberdade que nos conduzirá ao pântano criado por essa mesma prostituição. No segundo estamos livres, verdadeiramente livres, para trilhar os difíceis e magníficos caminhos que nos conduzirão à glória de criar tudo aquilo que torna a vida digna de ser vivida.

O cinema brasileiro chegou, ou está para chegar, a esta encruzilhada. Até hoje ele exerceu tal fascinação sobre o espírito da maioria dos artistas, que absorveu as consciências, mesmo daqueles que se negavam, embora com sacrifício do próprio bem estar, a fazer concessões ao público ou aos empresários dos teatros. Parecia que o fato de não estar ali, de corpo presente, em face dos seus espectadores, dava, aos interpretes mais exigentes consigo próprios, uma espécie de inconsciência beatífica, que os fazia aceitar qualquer papel, pertencente a qualquer história, sob qualquer orientação. Há dias, vi um dos melhores e mais exigentes atores do Brasil proclamar no auge do entusiasmo: "Cinema não é arte; teatro sim: quando me propõem um contrato tea-

tral, pergunto logo qual é a peça, qual o autor, qual o personagem que me destinam, qual a direção e quais os companheiros. Quando me propõem um filme, pergunto quanto vou ganhar". Isto é o cinema. Ninguém acredita nele nem mesmo aqueles que são diretamente expostos à sanha dos críticos e do público, os pobres atores, vítimas da má direção, da má fotografia, do péssimo som, da história inconcebível. Ninguém acredita, mas todos se sentem seduzidos. Há nessa arte que não é arte, nessa indústria que não é indústria, nesse comércio que não é comércio, alguma coisa de imponderável que atrai mais do que olho de cobra ou canto de sereia. A gente se vê num filme, se acha horrível, tem vergonha de si mesmo, e volta a fazer outro em piores condições, se possível sem que haja sequer a compensação financeira ou publicitária, coisas que gente de cinema só oferece a caras bonitas e insossas. Até mesmo esse meu amigo que proclama valentemente só filmar por dinheiro, tem feito dezenas de filmes por quantias verdadeiramente irrisórias, em relação à qualidade do seu trabalho.

Mas, aí é que está a questão: enquanto o teatro é uma profissão que absorve todas as horas e todos os pensamentos dos artistas, mesmo daqueles que a encaram como comércio ou simplesmente como meio de vida, o cinema é o "bico" das horas vagas. Antes ou depois dos espetáculos, no intervalo dos ensaios ou das matinées, o artista corre ao estúdio, lambusa a cara, decora o dialogo que lhe dão, sem sequer pensar nas inflexões, e filma de qualquer maneira, com a preocupação única de não perder tempo. "E preciso fazer direitinho para não desperdiçar negativo, mas não se pode exigir demais porque atrazaria a produção" pensam os diretores e produtores. E tudo sai como Deus ajuda, quando Deus ajuda, porque às vezes ele está de mau humor, lembrando o célebre ditado: "Faz a tua parte que eu farei a minha", e o negocio sai mesmo horrível, pois ninguém quer fazer a sua parte.

Este é o panorama geral dos nossos studios, mesmo dos melhores, daqueles que se envergonham de ser de todo ruins, mas que jamais se atreverão a ser de todo bons. Tenho, porém, a impressão de que, dentro de

pouco tempo, algo vai acontecer capaz de produzir uma reviravolta nesta engrenagem, como já produziu na consciência profissional de bom número de artistas e técnicos. Esse "algo" chama-se "Caminhos do Sul", o filme cuja virtude maior é haver criado o verdadeiro "clima cinematográfico" brasileiro.

E, dizendo isto, não quero me referir simplesmente à história e ao desenvolvimento que lhe foi dado, sem dúvida muito acima de tudo quando foi feito ou tentado entre nós, mas ao "clima" interior do estúdio. Pela primeira vez, filmando "Caminhos do Sul", perdida na campina gaúcha, tendo por únicos confidentes a natureza e a arte, senti que o cinema é alguma coisa mais poderosa e mais forte do que uma simples distração para as horas vagas. Lá, longe do teatro e das preocupações permanentes com que ele costuma nos torturar e observar, olhei para dentro de mim mesma e senti despertar "a fibra cinematográfica". Tive então vergonha de ser tão teatral, de agir tão pouco cinematograficamente em tudo quanto tenho feito, e compreendi que a culpa não é apenas dos diretores, pois em teatro também não os possuímos completamente bons e, não entanto, o nosso "clima", o clima dos artistas é teatral, o que lhes facilita a tarefa. Realmente em cinema o diretor e os técnicos constituem 90% da realização, mas os 10% que restam para os artistas, poderiam ser levados a sério dentro do "clima" cinematográfico.

Estou certa de que, depois de "Caminhos do Sul", o cinema deixará de ser um "hobby" para os artistas, para transformar-se em uma profissão digna de ser tomada a sério, como arte e como meio de vida.

MANHÃ

R. DE LIMA

O bosque imita o azul e a rosa imita a estrela.
Zumbe, além, numa flôr uma vespa dourada
E é delicado ouvi-la e é delicado vê-la.

Porém mais delicado é o manto da alvorada,
Cujas fimbrias ao ferir a verde flôra umbrosa,
Entontecem de luz a meiga passarada...

Frúi, filhos da musa, a essência perfumosa
Que têm o bosque e a flôr... mas como a flôr é bela
E sublime e feliz! Não há flôr como a rosa...

— O bosque imita o azul e a rosa imita a estrela

Correntes Cruzadas

AFRANIO COUTINHO

“E M crítica literária, consoante a opinião de Allen Tate, o Positivismo domina a erudição histórica de cunho acadêmico e a crítica sociológica (sobretudo a de orientação marxista). Os críticos de ambas escolas esposam a Doutrina da Relação (Doctrine of Relevance), segundo a qual “o tema de uma obra literária não deve ser isolado em termos de forma, deve ser comprovado (por analogia com as técnicas científicas) pela observação do mundo que ele representa”. Partindo da premissa de que as obras literárias são objetos sem existência própria, sendo antes expressões de substâncias situadas fora, o positivista não pode discutir o objeto literário em termos de sua forma específica; será apenas capaz de “traçar sua história ou dizer sua impressão sobre ele”; tem que ser naturalista ou impressionista. Recusando-se a julgar, os positivistas negam sua natureza moral e inteligência; e ao oferecer-lhes o método histórico como sucedâneo, eles dissolvem a literatura em sua história. O erudito histórico defende-se com a pretensão hipócrita de que seu trabalho é uma preparação para a crítica futura do mesmo modo que os planejadores sociais de orientação positivista dão o futuro, em vez do passado, como ponto de referência. Contra tais tendências, Allen Tate afirma a necessidade da responsabilidade moral e intelectual em face ao passado tanto quanto em face ao presente. “M. K. Spearts, num estudo sobre a crítica de Allen Tate, no último número de “The Sewanee Review”, — (Spring, 1949).

Num estudo apresentado à conferência sobre os Grandes Críticos da Universidade de Johns Hopkins, estudo agora publicado em volume com os outros da conferência, após haver sido dado a lume em revista, o mesmo Allen Tate lamenta a ignorância anglo-americana de “Longino”, nome que ficou convencionado pelo uso dar ao autor desconhecido do famoso tratado literário, do século I de nossa era, “Do Sublime”.

Tratando-se de uma obra da mais alta importância para a crítica e a teoria literárias, é natural o espanto de Tate. Sem embargo, espanto maior é o de quem compara a nota de Tate com o que existe em inglês sobre a obra. Ela não foi desconhecida na Inglaterra no Renascimento e no período XVIII. Terá mesmo influído sobremaneira nas teorias em torno do sublime e nas doutrinas românticas. E recentemente ela deu lugar a excelentes trabalhos de Elder Olson, T. R. Henn e Samuel Monk, todos aliás citados por Tate, além dos estudos de Santsbury e de Atkins, nas suas histórias da crítica, o último dos quais realmente magistral; e há ainda os extratos nas antologias de Denniston e Saintsbury, sem falar na edição crítica monumental de Rhys Roberts (1895), texto, tradução, introdução e notas, além do estudo do mesmo autor e do de Baldwin em suas obras sobre a crítica na Grécia.

Em francês, há a magnífica edição da coleção de “Belles Lettres”, texto, tradução, introdução e notas.

O espanto de Tate seria então certamente espantoso se verificasse que em português o livro “Do Sublime” é ignorado. Existem rastos da obra nos

doutrinadores e críticos literários de língua lusa? Há referências? Há tradução? Há quem a tenha lido e estudado? Seria interessante saber, mas essas pesquisas bibliográficas entre nós são difíceis, quase desesperadoras mesmo.

Esse problema da documentação no Brasil ou se resolverá ou jamais seremos possuidores de uma cultura digna desse nome. Consoante nossa propensão a fazer das fraquezas forças, costumamos não dar importância à Bibliografia como instrumento indispensável que é em qualquer estudo. Há mesmo muito entre nós quem acoime de preocupação medíocre e caçote aos da bibliografia ou então quem veja nos que dão atenção ao problema uma preocupação vil de exibicionismo ou de erudição de fachada. A um ponto chegou entre nós o vultoso romântico das faculdades inatas e da originalidade criadora, como se sentisse realmente, no domínio do espírito, essa originalidade saída do século.

Quem quer que lhe dê na gana um estudo qualquer entre nós sabe que são insuperáveis as dificuldades com que topará, porquanto nossas bibliotecas se foram enchendo,

não seguindo um plano intelectual de aquisição e enriquecimento, porém nos azarões das compras de ocasião e das aquisições ou doações de espólios, o que as torna menos depósitos de livro velho, antiquado, sem atualidade, incompletas.

Que não exista a biblioteca ideal, a que nada falta, como é o sonho de qualquer intelectual amante do livro, aquela que corresponda de maneira absoluta às exigências de todo especialista em seu respectivo campo, é coisa pacífica, mormente hoje em dia, após quatro séculos de imprensa com os prelos a serviço da indústria. Essa verdade tivemos oportunidade de comprovar Eugênio Gomes e o signatário desta seção em nossas batidas pelas bibliotecas de Nova York. E que bibliotecas!

Posto que seja impossível a biblioteca ideal, temos direito de exigir de nossos governos atenção maior do problema, estabelecendo um programa de defesa e suprimento de nossas bibliotecas de feito a dotar-se do mínimo indispensável a poderem gozar desse nome. E isso não se dará se lhes faltar uma coleção de obras básicas. Músicas de todos os ramos do conhecimento humano, no sentido de satisfazerem as exigências elementares dos estudiosos. Não é justo nem praticável continuarmos, em face do atual e crescente custo do livro, com o sistema de bibliotecas particulares, como é vigente no Brasil, cada intelectual tendo que construir uma de sua especialidade sem a qual não lhe será dado estudar, mesmo porque tal sistema redundará em nossas formações intelectuais deficientes, defeituosas, lentas, sem harmonia e coerência. E é ele o responsável pela criação de nossos monstros intelectuais.

E' de lamentar-se não haja sido encontrado um meio de contornar a crise da A. B. D. E., evitando-se a renúncia da diretoria nova, gesto de péssima estratégia política, que terá profundas consequências, ferindo talvez de morte o organismo no país e desmoralizando o esforço de arregimentação profissional dos escritores brasileiros.

AS CONDIÇÕES AMBIENTES

XXI

EDSON REGIS

*Fôra melhor a ausência, não ter visto
a chama dos seus gestos na paisagem
e suas mãos de fogo pela noite
— morte da infância, amor e desespero.*

*(No pomar te esperei, entre horizontes
cultivei esperanças e humildade.
Com sortilégios me trouxeram sombras
e te perdi mais longe do que eras).*

*Vi dansando no espaço seus cabelos
como indecisos pássaros no outono
— frágeis barcos lançados contra as pedras.*

*(Contudo te esperei por muitas luas,
de mim sabendo que teu corpo longe,
agora, meu apenas foi um dia).*

O Filho Pródigo que não Partiu

LUIZ SANTA CRUZ

NÃO há na casa do Pai solidão que se compare à do filho pródigo que não precisou de partir para deixar a vivenda paterna; — que a perdeu mais amargamente do que o filho que se foi, porque a deixou vivendo ainda sob o olhar silencioso e maguado do Pai.

O filho pródigo que se foi não conhece a angústia do exílio sob o teto familiar — nem sabe o que é ser o único irmão ausente entre os irmãos, na sala em que o banquete é oferecido ao Pai pelo Filho mais velho;

e aquêle que ficou é o único filho que o Pai vê chegar em silêncio, fixando nas lajes do chão o brilho queixoso do Seu olhar, — o Seu vulto abatido e tristonho cruzando-se com o do filho como uma sombra, pelos corredores e salas, em frente ao espelho.

O filho pródigo que partiu não sabe que há uma ausência mais dolorosa do que encontrar-se com as mãos vazias nas cidades distantes, quando na herdade paterna nada faltava, — e que é nada possuir tendo tudo ao alcance das mãos;

e aquêle que ficou sabe o que é viver na mesma casa com irmãos que mal conseguem disfarçar a dor de ter em casa um irmão ausente, — e só ele sabe o que é trancar-se em seus aposentos para fugir à humilhação de sentir estranhos os mil cômodos da casa de seu Pai.

O filho pródigo que se foi não encontrou, por toda parte, um olhar amigo que acusa, — nem sentiu como é grande a mágoa do amigo que se vê com razão acusado por seu amigo;

e aquêle que ficou sabe o que é voltar cheio do gosto das alegrias vãs, — para encontrar nos corredores da vivenda paterna uma lágrima estancada nos olhos da irmã e o sor-

riso maguado do seu irmão.

E se não sabe o filho pródigo que se foi o que são os olhares e os sorrisos de mágoa dos seus irmãos, — que dizer do silêncio queixoso do olhar do Pai!

O filho pródigo que partiu nunca viu o vulto paterno passar como um ladrão por trás das persianas das portas e janelas, como somente o sabe o filho que ficou.

Nas límpidas manhãs, quando os pássaros cantam nas árvores em flor e a brisa da primavera agita os galhos vestidos de luz, — o filho pródigo que se foi não ouviu do seu leito os cadenciados passos do Pai que se aproximam;

mas que se aproximam para morrer em breve, deixando após si o silêncio dos destroços, — amontando no coração, com mortes sobre mortes, os seus rumores maguados;

e aquêle que ficou sabe o que é a toda hora o Pai querer falar com um filho pródigo que não poderia ter partido, — e só ele sofre a angustiosa espera de parecer que vai por terra a compacta muralha de silêncio que impede a um filho pródigo fixar o olhar compreensivo de seu Pai.

Talvez, pense o Pai que não é chegada ainda a hora de chamar o filho pródigo que ficou; — é preciso, talvez, que ele sofra por algum tempo ainda a angústia de sentir-se exilado na vivenda paterna;

talvez, pense o Pai que os amigos que bebem com ele o vinho dos prazeres infelizes — hão-de insistir inultamente para que deixe de uma vez por todas a casa paterna;

talvez, pense o Pai que embora em cada cômodo de sua herdade um mundo antigo o acuse, — o filho pródigo que não partir há-de preferir ser menos que os sérvos, ser mais ausente que os porcos, a ser rico e feliz na cidade dos ímpios;

ou talvez, julgue o Pai que o Seu maguado silêncio há-de prender aquêle que ficou como pesadas correntes, — e que seja forte demais esta cadeia que a acorrenta à casa paterna para que um filho pródigo pense em partir.

Aquêle que se foi não sabe o que é ver que o Pai ouve os passos do filho pródigo que ficou, rolando nos seixos do jardim, — quando, ébrio, alta madrugada, regressa êles das noites boêmias;

e o filho que não partiu sabe o que é ver que o Pai vela quando todos dormem na vivenda paterna — e quando toda ela, entre sombras e silêncios, espreita inquieta o filho que nunca partiu.

O filho pródigo que se foi nunca viu a casa paterna envolta em trevas, e entre as névoas das noites pecaminosas, — não encontrou luzindo em seu quarto a lâmpada diante da qual o Pai pigorreira e tossa, nas madrugadas temporais;

e aquêle que ficou sabe que é o Velho tossindo e pigorreando dentro das noites invernosas, — como um apêlo aquêle que volta à casa sem que regresse ainda, todas as manhãs.

O filho pródigo que partiu não sabe o que é, três, quatro, cinco vezes, meses a fio, com o mesmo desvelo, — o Velho sem uma só palavra, assim chamar;

e sem que aquêle que ficou tenha coragem de seguir-lhe o silencioso apêlo, — roído de remorsos, fraco e sofrido demais, para ouvir prontamente o Pai que lhe quer perdoar.

Só o filho pródigo que partiu não conhece esta febre do arrependimento que parece eterna, — o que abrasa mais do que as chamas do pecado, porque arde a um passo do Pai.

O filho pródigo que se foi não conhece a volta daquêle que tudo perdeu sem nada haver deixado, — e

não sabe o que é o Pai, após abraçar o filho pródigo que ficou, deixá-lo como criança cujo brinquedo viesse de consertar, a conferir, em seu coração um a um, os mil cômodos da herdade paterna.

Nem o filho que se foi conhece a alegria daquêle que voltando à casa paterna que jamais deixara, — a encontra mais em festas do que se houvesse partido;

e nem aquêle que se foi conhece o silêncio tranquilo do Pai — que contempla um filho pródigo que não pôde partir.

Mais depressa o filho pródigo que ficou encontra os bens da herdade paterna — do que aquêle que partiu e precisa ainda de voltar;

mais depressa aquêle que nunca partiu conhece a alegria de sentir novamente amigo o mundo antigo da casa de seu Pai, — desde ela a prolongar-se em sua rua, em seu bairro, em sua cidade;

e mais depressa aquêle que ficou conhece a alegria do Pai que diz ao filho pródigo que jamais O deixará, mesmo quando todos o pensavam perdido;

— Estou aqui! Sou a cadeia que te prende com um fio de cabelo!

POEMA

TEMPO QUE VIVEMOS
VELA CONTRA O SUL,
A ROSA POR PRÊMIO
ONDE EM QUE ESTAMBUL?

AURORA ESPREITANDO
EM LUZ SE DISSOLVE,
UM TEMPO TIVEMOS
E ISTO ME COMOVE.

ENTRE O MAR E O AZUL,
SELVAGEM PUREZA,
EM QUE NOS PERDEMOS.

UM TEMPO TIVEMOS
A ROSA DO SUL
MAS EM QUE ESTAMBUL?

DANCY DAMASCENO

"Na Espadana Branca"

"A PROVINCIA, ESSA ESQUECIDA"

O DISCURSO de posse do escritor Lopes de Andrade, na Academia Paraibana de Letras, ocupando a cadeira do historiador Maximiano Machado, valeu como um grito de alerta para todos nós provincianos.

Lopes de Andrade soube explicar muito bem o fenômeno que se vem observando em nosso mundo literário, onde as províncias pretendem ocupar um lugar ao sol, obter a sua independência, em suma: pesar na balança cultural do país.

O discurso do jovem sociólogo, escrito num estilo seguro, bem fundamentado, e bastante lógico, é um trabalho que merece ser lido por todos aqueles que ora cerram fileiras em torno do movimento de libertação das províncias. É um trabalho que nos enche de otimismo, ou melhor, de confiança em nós mesmos. Nada de formalismo, de receios, de desconfiança nos nossos valores. As palavras de Lopes de Andrade não exprimem sentimentos pessimistas, nem de revolta. Pelo contrário: concitam-nos à luta, à ação.

A LIVRARIA PEDROSA de Campina Grande, editando esse trabalho de Lopes de Andrade, em forma de plaquete, prestou um bom serviço — pois dará aos que não foram à sessão da Academia, a oportunidade de conhecê-lo. Trata-se de um discurso para ser lido e meditado. O autor soube fazer um estudo interessante do atual fenômeno literário brasileiro e aponta Maximiano Machado, o primeiro historiador paraibano como uma vítima da Metrópole absorvente, um intelectual cuja obra permanece distante da glória e dos aplausos.

Lopes de Andrade convida-nos a trabalhar a fim de que não nos pese a melancolia dessa frase: A Província, essa esquecida.

CARLOS ROMERO

ANIVERSÁRIO NAS LETRAS

LETRAS E ARTE completou o seu 3.º aniversário de fundação. Eis um acontecimento auspicioso para o mundo cultural do país. Dirigido pelo escritor Jorge Lacerda, o suplemento literário de A MANHÃ vem prestando um grande serviço às nossas letras, não só pela seleção dos trabalhos que apresenta, mas ainda pela impecável feição gráfica e material. A Jorge Lacerda, a quem se deve a existência de LETRAS E ARTES, os nossos parabéns.

ATIVIDADES DE MARIO SETTE

DEPOIS de publicar ARRUAR, historia pitoresca do Recife antigo, o cronista e historiador pernambucano Mario

Sette anda em plena atividade para lançamento de mais um livro. Com a idade de sessenta anos, Mario Sette é hoje um nome dos mais expressivos das nossas letras, cuja obra ocupa um lugar de destaque na nossa historia.

Falando a reporter do Rio, o escritor nortista disse o seguinte a respeito de seu novo livro: "O meu romance de sexagenário está cheio de minha "paisagem interior" da velhice, desta minha velhice sem disfarces e sem pretensões de não ser velho, posto que não se amorrinhando de "rabugices", antes sentindo o que me afigura "sentir" nos tempos de agora, sem trair o meu tempo".

OS NOVOS EM AÇÃO

MARCOS Konder Reis anuncia três livros de poesias: "Vinho Perdido", "Praia Brava" e "A Rosa de Ferro". A-

quele poeta está trabalhando numa peça de teatro que se intitulará "O Grande Rei".

O poeta José Paulo Moreira da Fonseca, felizmente já refeito do grave acidente que o vitimou às vésperas do carnaval, vai retornar à vida literária, integrando o corpo redatorial de "Jornal de Letras", e publicando ainda este ano um volume de elegias. José Paulo Moreira da Fonseca publicou recentemente em "Colégio" uma bela coletânea de versos inspirados no mar.

O MELHOR LIVRO SOBRE A BAHIA

PARA o melhor livro sobre a Bahia, a Cia. Aliança da Bahia, instituiu um prêmio de 100 mil cruzeiros. A comissão julgadora está assim constituída: escritores Otávio Mangabeira, Tristão de Athayde, Anízio Teixeira, Lucia Miguel Pereira e Augusto Frederico Schmidt.

QUIXOTE

REFERENTE a fevereiro do corrente ano, recebemos o número 4 de QUIXOTE, revista dos "novos" do Rio Grande do Sul e uma das melhores publicações literárias do país. QUIXOTE, que obedece a orientação de Silvio Duncan, Raymundo Faoro e João Francisco Ferreira, apresenta, nesse número, vários trabalhos de importância. A capa é de Paulo O. Floras e os desenhos de Victorio Gheno e Dorotéia Pinto da Silva.

NOVO ROMANCE DE MAURIAC

MAIS um romance de François Mauriac anuncia LE FIGARO. Justifica-se o interesse da noticia: depois da guerra, o grande escritor francês limitou toda a sua atividade intelectual a um artigo semanal naquele mesmo jornal — e somente. Houve mesmo

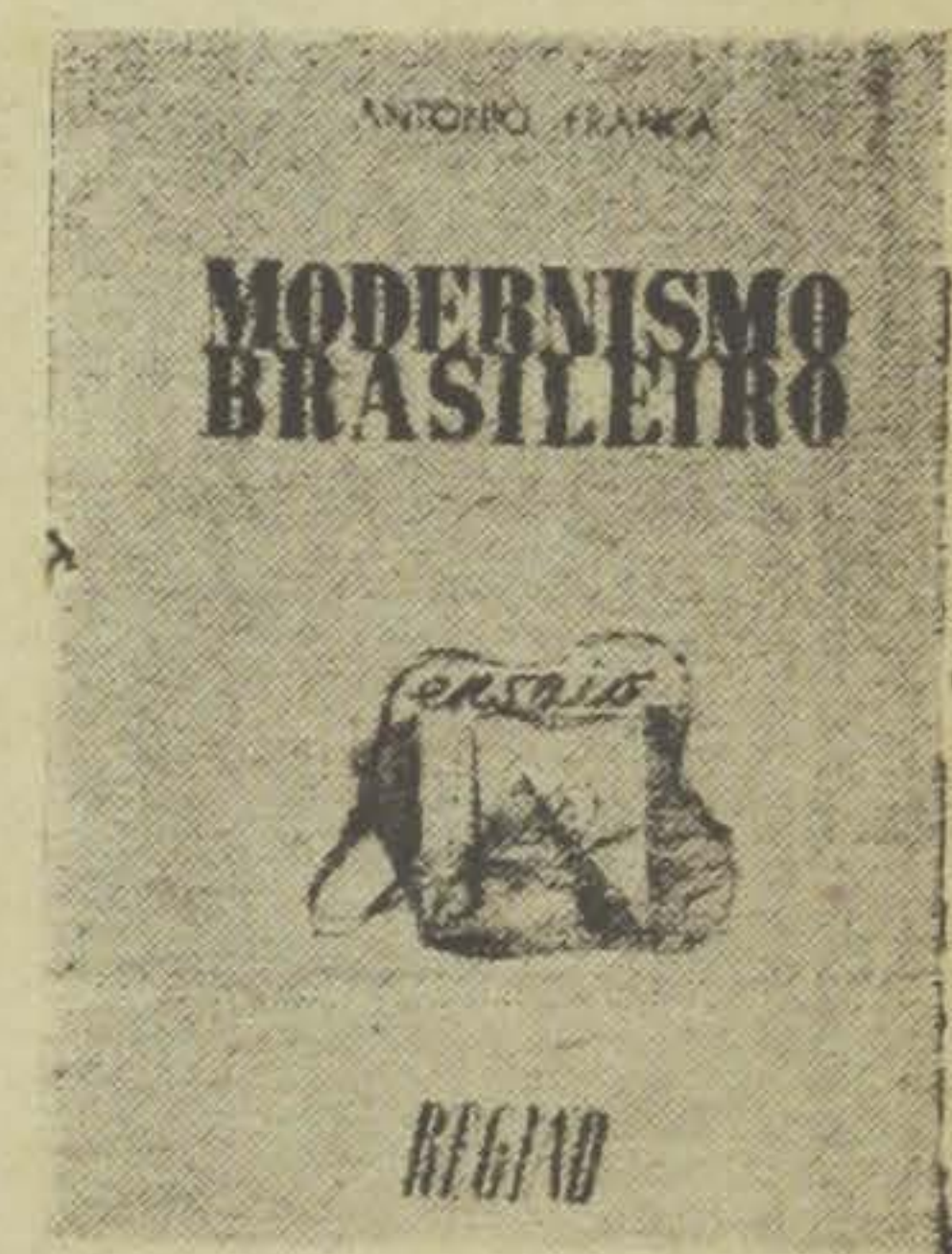
quem acreditasse que Mauriac não voltaria mais a fazer ficção. Felizmente a previsão não se confirmou e dentro em pouco teremos outro livro do grande mestre do romance moderno.

"ORFEU" LANÇARÁ NOVO LIVRO

MAIS um livro se á lançado pela revista ORFEU, após o Deserto e os Números, de Edson Regis. Desta vez é um volume de contos de Domingos Felix — O PATIO. O autor, que vem se revelando uma autêntica vocação de ficcionista, é natural de Goiânia e irmão do poeta Afonso Felix de Souza, autor de O TUNEL.

NOVO IMORTAL

A ACADEMIA Brasileira de Letras, em sessão realizada ultimamente, recebeu o novo imortal, ministro Anibal Freire, eleito para a cadeira n.º 3, na vaga deixada por Roberto Simonsen. No seu discurso de posse, o novo imortal, após ressaltar o papel da A. B. L., referiu-se à personalidade e à obra do patrono de sua cadeira, tecendo ainda comentários em torno da figura de Roberto Simonsen.

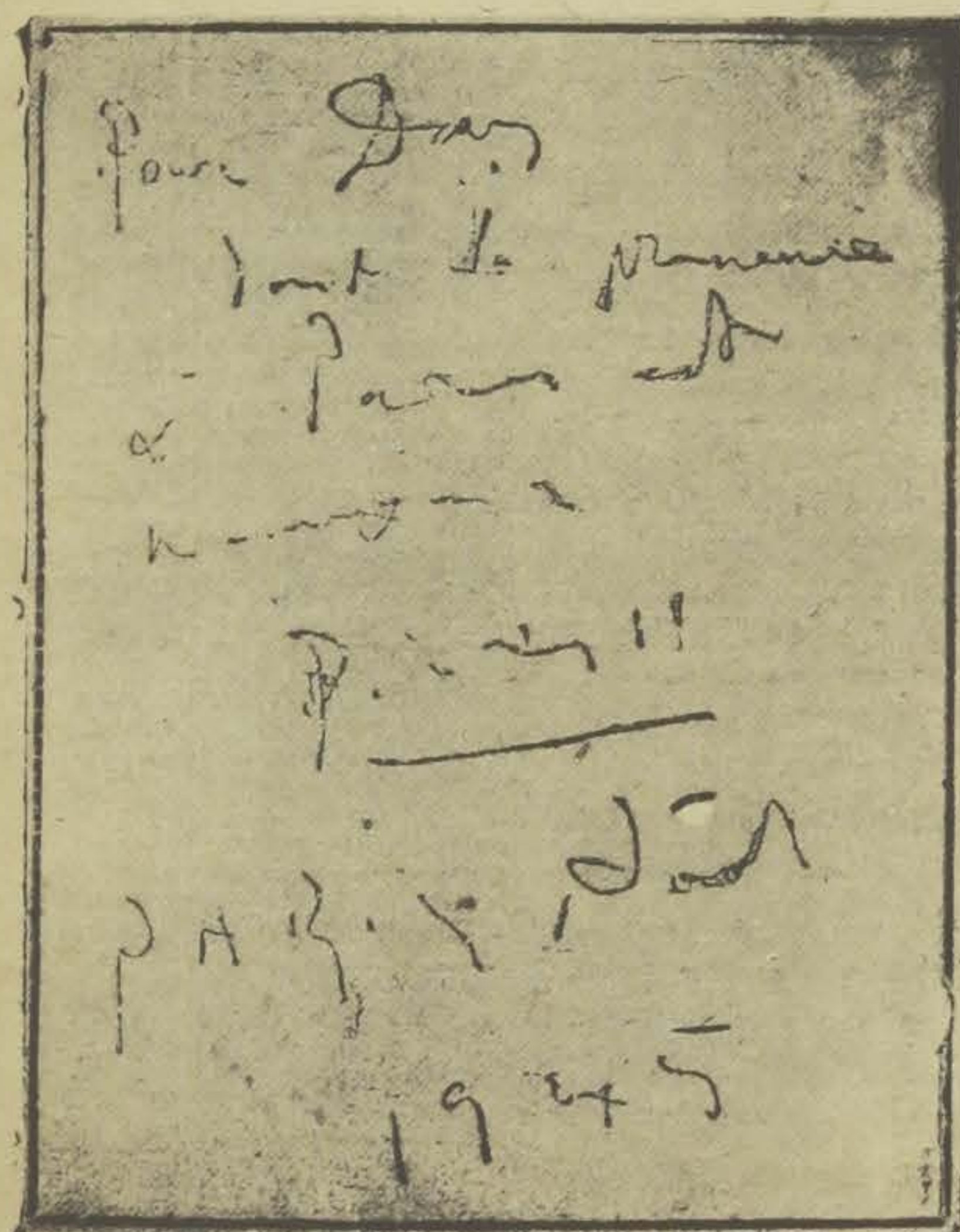


Capa do livro MODERNISMO BRASILEIRO, do escritor pernambucano Antonio Franca. É uma edição da revista REGIÃO, do Recife e está a venda nesta cidade.



Cicero Dias com 1 ano de idade

DEDICATORIA DE PICASSO A CICERO DIAS

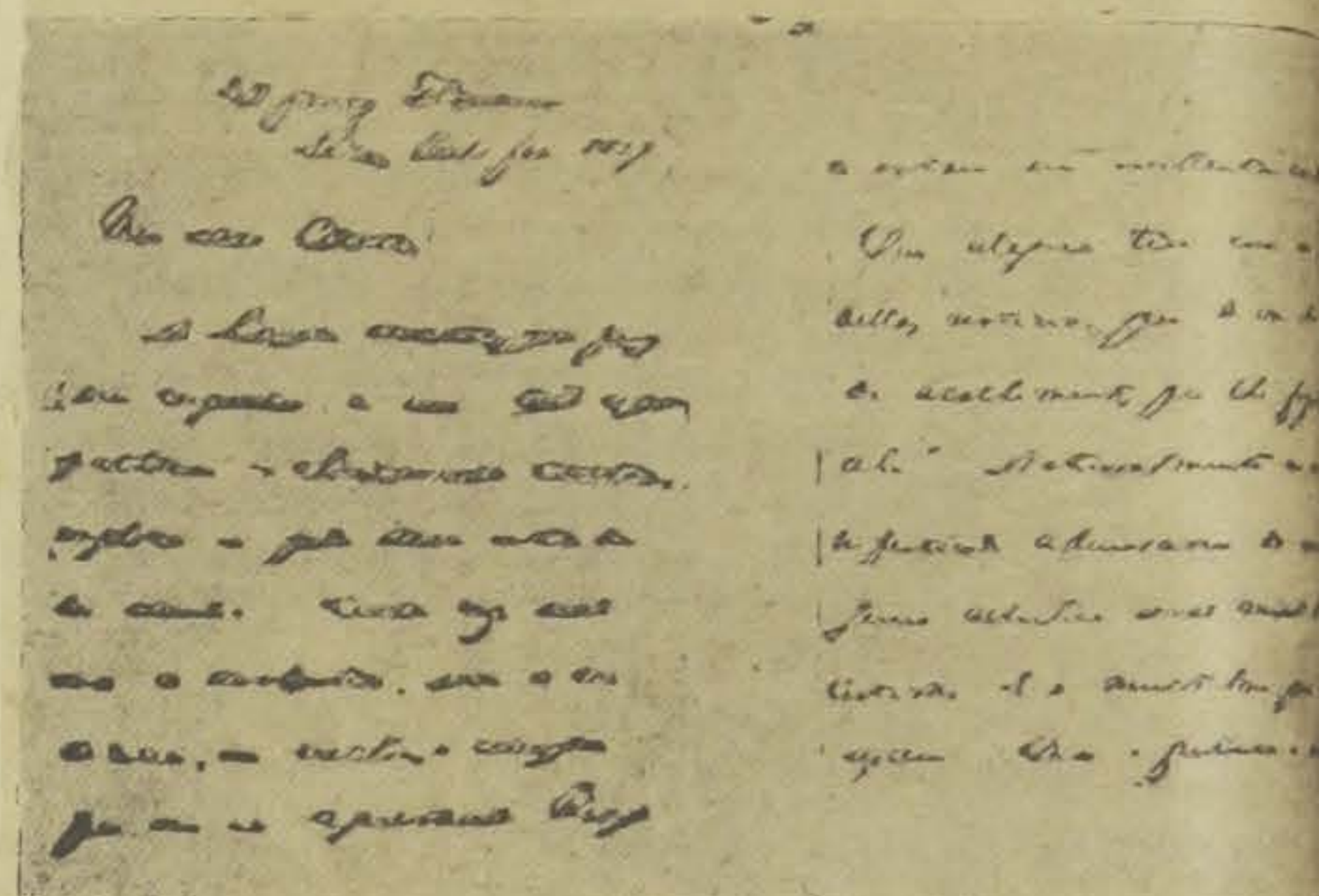


OS ARQUIVOS IMPLA de JOÃO CONDÉ

"...Se um dia eu rasgasse os
desencanto ou nójo da poesia, não es
extinção: restariam OS ARQUIVOS
de João Condé".

Carlos Drummond

CARTA DE GRAÇA ARANH



27 Praça Floriano
Rio 16 de fev. 1927
Meu caro Cicero.

A longa demora que fiz em responder a sua tão sympathica
saúde.

Desta vez não era a molestia, era a medicina ou melhor,
Reagi e estou em excelentes condições. Que alegria tive com
que lhe fizeram ahi. Naturalmente as manifestações admiráveis do seu ge
que sejam. Mas o futuro é seu.

O que é preciso, indispensavelmente, para o seu pleno dese
Para a sua arte extremamente moderna, uma visão directa da
ravilhosa descoberta.

Mas antes de ir à Europa venha ver o seu amigo que o abra

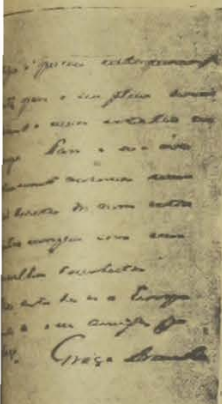


COMPOSIÇÃO DE CICERO DIAS ESPECIALMENTE

VEIS ~

por
sua
VEIS

CICERO DIAS



para carta explica-se pelo meu estado de

me ia definindo.

das que você me deu do acolhimento
serão muito discutidos. E é muito bom

é uma estadia na Europa.

cores plasticos europeus será uma ma-

GRAÇA ARANHA



Cicero Dias
DA VIAGEM PIEDADE CAIBU
OS "ARQUIVOS"

F

l

a

s

h



Cicero Dias em seu atelier

CICERO DIAS

NASCEU EM ESCADA, ESTADO DE PERNAMBUCO.

CASADO SEM FILHOS.

ALTURA 1,73.

PESA 70 QUILOS.

COLARINHO N. 37.

GOSTA DE ANDAR DE AVIÃO, SABE ANDAR DE BICICLETA.

E' CATOLICO.

TEM VERTIGEM MESMO NUM 2.º ANDAR.

SEU PRATO PREDILETO: TUTU DE FEIJÃO.

SO' OUVIU RADIO DURANTE A GUERRA.

SO' FUMA CHARUTO.

NÃO COME FRUTAS E NEM BEBE LEITE.

LEITURA DE SEU AGRADO: BALZAC, GILBERTO FREYRE, JOSE LINS DO
REGO, JORGE AMADO, MANUEL BANDEIRA.

TEM MANIA DAS REVISTAS VELHAS. QUE COMPRA A PESO.

SEUS PINTORES PREDILETOS: A LINHA QUE VEIO DE GIOTO, PASSANDO POR
CEZANNE, PICASSO A KANDINKI.

PRESO PELO GOVERNADOR LIMA CAVALCANTI, EM RECIFE E PELOS NAZISTAS,
EM BADEN BADEN.

ESCREVE SEMPRE POESIA.

TEM UM LIVRO INÉDITO DE MEMORIAS, CHAMADO "JUNDIÁ".

APRENDEU A PINTAR NO CURSO DE ARQUITETURA DA ESCOLA DE BELAS
ARTES.

ILUSTROU A "ILHA DOS AMORES", DE CAMÕES. E "CASA GRANDE E SENZALA",
DE GILBERTO FREYRE.

JA' EXPOS EM VARIAS GALERIAS DE PARIS.

VAI SEMPRE ÀS OPERAS.

PINTORES BRASILEIROS DE SUA PREFERENCIA: TARSILA, DI CAVALCANTI,
PORTINARI, SEGAL, PANCETTI, MILTON DA COSTA E CARDOSO AYRES.

FOI MENINO CRIADO EM ENGENHOS.

SEU APELIDO: CICINHO.

BEBE SEMPRE EM COMPANHIA DE AMIGOS NA FRANÇA, ELUARD, PICASSO, MA-
DAME ZERVOS, O AMERICANO CALDER; EM PORTUGAL, CASAIS MONTEIRO;
NO BRASIL, RUBEM BRAGA E CARLOS LEÃO.

JA' MOROU COM VILLA LOBOS, OPHELIA NASCIMENTO E GILBERTO AMADO.

DA' MAIS PRESENTES QUE RECEBE.

JA' AMOU LOUCAMENTE UMA BAILARINA.

DEPOIS DE 10 ANOS DE AUSÊNCIA, CONTINUA ACHANDO O RIO LINDO, VISTO DE
NITERÓI.

ESPERA MORRER BREVEMENTE.

COMEÇOU A PINTAR DESDE MENINO.

EXECUTOU VARIOS MURAIIS EM RECIFE QUE OFERECEU AO POVO PERNAMBU-
CANO. I

CULTURA E INTERCAMBIO

MUNDO MARANHÃO AYRES

É deveras animador, expressivo, o movimento cultural que se desenvolve por toda parte em nosso país. Revistas e jornais especializados, difundindo letras e artes, surgem aqui e ali proporcionando a divulgação de novos escritores e poetas, como ingerindo trabalhos de autores consagrados sobre os mais variados motivos, tabordando os mais diferentes assuntos.

E vemos que neste movimento, palpitam o idealismo sadio e as inquietações das gerações moças, através de muitas das publicações que circulam, mostrando novos rumos literários e artísticos, nesta fase de inconformismo e reações. Verifica-se ainda que, a campanha a luta, o despertar para novas embates desfazendo "slogan" e tabús tiveram início na província, vindo dela para o litoral no intuito de vencer e realizar o que as grandes metrópoles talvez exaustas e céticas haviam-se desinteressado.

O aparecimento de tantas e tão belas revistas na província é um sintoma claro e admirável do que são capazes de fazer os homens de letras, poetas, artistas em ge-

ral, mesmo ligados na hinterlandia, com um pouco de sacrifício e boa vontade.

Notícias de todos os quadantes dão-nos conta dessa marcha triunfal quase generalizada e que tanto vem contribuindo para que os cidadãos vejam com bons olhos a obra palpitante e significativa que eles vêm realizando sob ingentes esforços.

Se muitas das publicações francamente conhecidas e louvadas alcançaram destaque no lugar na imprensa nacional, como órgãos reconhecidos de valor através das colaborações e dos seus autores, outras embora de apresentação mais modesta e finalidades elevadas procuram se firmar, apoiando e prestigiando o movimento que se opera no interesse máximo de oferecer aos novos, oportunidades para se exibirem publicamente possibilitando-os novos horizontes e triunfos na senda literária. Outras ainda, realizam programa mais vasto publicando páginas em diferentes idiomas, vinculando espiritualmente os que escrevem em qualquer parte e fomentando o intercâmbio numa aproximação eficiente para o mútuo conhecimento e admiração recíprocos.

Citar nomes dessas publicações que percorrem o Brasil em todos os paralelos e meridianos, seria até fastidioso pela que a lista é longa. Todavia, sem lembrar as que circulam no Rio, basta seja frizarmos alguns cuja repercussão é notória.

Em Manaus aguarda-se o lançamento de "Grito". Enquanto isto em Fortaleza "Clá" continua recebendo louvores e simpatia; no Maranhão — "A Ilha" é o arauto das aspirações dos jovens beletristas; em Natal, depois de "Letras da Província" surgiu "Banda" em boa apresentação e variada matéria de colaboração. O Recife é uma espécie de quartel general das letras e artes do norte. Grande é o número de valiosas revistas que ali se editam circulando por todo o país: "Região", "Letras Pernambucanas", "Nordeste", "Presença", "Letras", "Resenha Literária", "Estudantes", além muitas outras do interior como "Serpas" de Timbó, "Em Sargipe", a "Epoca", como "Caderno da Bahia", de Salvador, alcançam larga difusão. São Paulo apresentará também um apreciável número de publicações que revelam a sua evolução cultural. "Joaquim" em Curitiba como

"Sul" em São Catarina, "Província de S. Pedro", "Critério", "Quixote" no Rio Grande do Sul, são lidas amplamente e apreciadas por todos os intelectuais.

Nas alterosas, várias importantes são as revistas culturais: "Panorama", "José", "Edifício", "Kriterion", "Nenhum" de Belo Horizonte como "Meia Pataca" de Catavazes são as principais. Em Goiás algumas revistas circulam visando as mesmas finalidades: "Agora", "Bolíde" e outras comandam o movimento literário-artístico.

Finalmente temos Mato Grosso que também possui algumas interessantes e valiosas publicações. Cuiabá com "Folha Literária" e "Caculé", Campo Grande com "A Pena" e "Revista D' Oeste" e Guiratinga com "Novo Mundo", periódico de intercâmbio nas Américas e no mundo, estão na vanguarda.

Concluimos, rejubilando-nos com este expressivo balanço do movimento literário brasileiro, fruto da época de evolução que atravessamos em que a cultura é cuidada com carinho e esforço, vigorando o sentimento espiritualista das intelectuais e sonhadoras.

Vegetação Espiritual

Poema de MAURICE MAETERLINCK

SOS O CRISTAL AZUL DOLENTE
DESTAS MINHAS MELANCOLIAS,
AS AMARGURAS DE OUTROS DIAS
SE IMOBILIZAM LENTAMENTE.

SUAS MORRENTES FOLHAS VAGAS,
NENUFARES DE DESVANEIOS,
PALMAS LENTAS DE MEUS ANSEIOS,
MUSGOS FRIOS, LIANAS FRACAS...

UM SO' LIRIO — COPA SERENA —
BRANCO E DÉBIL, RIGIDAMENTE
SUA FIRME ASCENSÃO DOLENTE
EM TANTA PROSTRACÃO ORDENA.

E A LUZ, QUE DELE MESMO ARRANCA,
COMO DE UMA LUA ESPECTRAL,
ELEVA AO REMOTO CRISTAL
SUA MISTICA PRECE BRANCA.

Tradução de EDUARDO MARTINS

ANGUSTIA

NELSON DE ALMEIDA

UM grito preso na garganta,
E a sensação de longos caminhos percorridos...
Braços nus que me envolvem
Mãos passando pelo meu rosto
Corpos que só vejo em sonhos...
Um grito preso na garganta
E a visão dos grandes arranha-céus
Dos enormes transatlânticos iluminados dentro da
[Noite...]

Nem uma palavra, nem um gesto
Apenas a imagem boiando
Enfeitada de sargaços...



ZEUXIS

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA

SÓCRATES — Por que tão cedo na Ágora, Tirsis? Há momentos que o sol nasceu, e inda não foi dissipada aquela fria névoa pelos ciprestes.

TIRSIS — Acordei faz pouco. O azul despertou-me todo; continuando a dormir sentiria a perda dessa lucidez antiga e sempre nova, que os deuses oferecem aos nossos olhos refeitos pela noite.

SÓCRATES — Já que tuas pupilas amanheceram assim vivas, acompanha-me à casa de Zeuxis. Lá teremos muito o que ver.

... ..
Ei! Zeuxis! É Sócrates. Trago Tirsis comigo. Podes receber-nos agora, ou ainda descansas?

ZEUXIS — Sócrates amigo, bem sabes que me levanto com o sol. Entra. Se quiseses comer alguma coisa, tenho figos, passas e um bom leite de cabra. Entra, e também tu Tirsis. Como vai aquela ode a Orfeu, de que leste trechos na casa de Antípatre?

TIRSIS — Faltam algumas estrofes, poucas. Sou mais lento nos versos que tu nos quadros.

ZEUXIS — Não digas isso. Este Sacrificio de Ifigênia, por exemplo, há mais de mês que venho fazendo.

SÓCRATES — E percebe-se bem que não houve muita concessão ao acaso. Repara Tirsis, os gestos da virgem, tranquilamente desesperados. Como ela ergue os braços aos céus, que eurtímia vencendo toda a dor. Porém, Zeuxis, viemos aqui para te assistir a pintar. Não interrompas o trabalho, por favor. Queremos aprender a ver.

ZEUXIS — Estava apenas retocando, podemos também conversar. Nessa fase, sem distúrbio, trabalho e escuto.

SÓCRATES — Se assim queres, conversemos. Admira-me ver como a tua mão torna-se dócil ao espírito.

Tudo parece destinar-se principalmente ao fulcro do pincel: os movimentos do corpo, o respirar, as idéias, tudo amalgamado pelo estranho dom que possuímos de convergir a vida para essa ou aquela tarefa.

TIRSIS — Isto me sugere os muitos raios, de sol, que o cristal reduz a um único, mais claro e mais intenso, chegando a incandescer aos papíros.

SÓCRATES — Um poeta, perenemente elucidando pelas imagens; mas volte-mos agora à pintura: Zeuxis, em teu jogo, qual o papel do acaso e qual o da intenção?

ZEUXIS — Impossível separá-los. Sucedem-se, compartilham do momento, e creio que no fundo será difícil precisar o que os distingue.

SÓCRATES — A minha impressão é a de um diálogo, um diálogo sucessivo entre o que já é intenção e as circunstâncias que permitem a mesma de realizar-se. Este diálogo vai desde o curso do pincel pela superfície, que pode contrariar a tua idéia, até ao próprio nascimento desta idéia, fruto de um episódio e de teu cerne, que por sua vez se foi modelando em tanta casualidade.

O quadro, porém, passivo à tua mercê, permite que a intenção transforme passados acasos, permite que essas figuras, por exemplo, quase infalivelmente componham a sóbria tristeza do episódio, tudo em torno da expressão da filha de Agamémnon.

ZEUXIS — Na face mais do que em qualquer outra parte, Sócrates, deve o artista falar através do corpo.

SÓCRATES — Espantosa, entendendo a nossa percepção de toda a mudança na face humana. Neste campo é a vista magicamente precisa. O menor ritus importa na descoberta de todos os tons de emoção. As formas são transparentes, e

vivem como o núcleo de um quadro, o núcleo íntimo de toda a paisagem. Em torno dela, é que parece fazeres a ordenação dos gestos.

ZEUXIS — O número de esboços em que tentei umamel, bem o prova que isso não é a arte mais fácil.

SÓCRATES — O problema, penso, é fazer do quadro um universo harmonioso como esses claros mundos, que pela noite vemos passar em torno.

TIRSIS — A tua comparação é justa, Sócrates, mas não basta haver harmonia nas formas e nas cores. Quase tudo tem um significado e também se requer arquitetura no invisível. Que o mais intenso apareça mais intenso, o mais tênue, mais tênue. Como no arquero, todos os movimentos devem compartilhar na medida de sua importância, para que a seta atinja o alvo.

ZEUXIS — Há muito tempo que tanto isso ouvído, entretanto, me parece novo.

SÓCRATES — Assim é sempre. Vivemos, e quando refletimos sobre a vida ficamos perplexos. Se reduzimos o mais simples dos nossos atos a palavras verdadeiras, quedaremos espantados com a profundidade. Mas, já me vou perdendo de tua pintura, e é ela que hoje me interessa. O retoque? O que agora executas. Explica.

ZEUXIS — Sem ele muita beleza do quadro se perderia.

SÓCRATES — Então toda a perfeição trabalhada, todo o tempo que se imobilizou na pedra, tudo que foi feito, transparece a sua plenitude através destes traços finais?

TIRSIS — Como o polem, revelando o ouro da árvore que reproduz.

SÓCRATES — Admiro o que falas, sem entender plenamente. A poesia nos

diz verdades, para as quais ainda não somos maduros. Espere um instante. Deixe-me acabar de comer esse figo, e ainda uns goles de leite. Fazem bem até ao espírito. Zeuxis, em poucas palavras dissesseste-me o elogio do retoque. Mas, por vezes, o inacabamento é uma fonte de prazeres. Qualquer estátua onde fiquem ainda fragmentos de pedra virgem, ou aqueles vasos de cores semi-apagadas, nos levam a construir por nós mesmos a beleza ausente, com uma liberdade que permite melhor nos aproximarmos da perfeição inatingível para cada um.

ZEUXIS — Certo, há uma sabedoria em não acabarmos as coisas. Nossos poetas a têm, quando nos transportem em seus versos ao indizível. Sabedoria, que nos faz abandonar algumas formas, ao julgarmos impossível fazê-las como exigem, quando elas estão além do mundo das imagens: as puras idéias, como diria aquele teu admirável discípulo.

SÓCRATES — Assim, o terminarmos demonstrando um quadro talvez enclausure a alma nos detalhes, e ela não se poderá alegrar na contemplação mais elevada. Retoque é, pois, algumas vezes, apagar os detalhes.

TIRSIS — Há também uma verdade no inacabamento, e que deixa desnudo o caráter essencial de um ser.

SÓCRATES — Zeuxis, já que falamos do caráter essencial num quadro, qual o papel que representa o assunto? Um cântaro ou Artemis?

ZEUXIS — Será repetir o que muitos dizem, confessar que prefiro um cântaro bem realizado a uma Artemis mal feita. Agora, Sócrates, e isso deves saber melhor que eu, qualquer impressão que recebemos vai vibrando em

nosso mundo interior. Assim, uma Artemis por um bom artista, além daquele prazer de linhas e de côr, renascerá o mito em nós, com um agrado que não é possível se desligar da escultura e da pintura.

SOCRATES — Podemos aplicar aqui o que há pouco nos disse Tirsis, quase tudo que se vê é signo, o que importa, pois, é que as cores e as formas realmente despertem o assunto, e que este não seja um rótulo vazio.

TIRSIS — E quanto mais perfeito é o assunto mais perfeita será a forma que exige, como a túnica se embeleza segundo o corpo que veste.

SOCRATES — Desejava ainda dizer alguma coisa sobre a importância de um assunto. Ela me parece não residir no espantoso ou no extraordinário, este apenas desvenda o valor do quotidiano. Assim, os nossos deuses, Cibele, por exemplo, existem em toda a germinação das sementes e toda a força da terra, que está vinha à beira da janela celebra para a nossa alegria. E Poseidon, basta ir, imenso e frio. Tudo quando é importante se repete, perdura; o singular demonstra sua franqueza na pura fugacidade. O quotidiano mais se aproxima do eterno.

Entretanto, Zeuxis, não me quero afastar de teu quadro. Neste momento completas uma linha. O que preferes, ela ou a côr?

ZEUXIS — A linha talvez, ela está mais próxima da idéia. A linha tem um pouco do corpo dizendo ao mundo o que ele é. Como falava, ela está mais próxima da essência. Os homens são homens em toda a tez, existem negros como o humus, além de Memfis.

SOCRATES — Ao mesmo tempo que ela diz o que um corpo é, sua existência me surge como construída por nós mesmos. Ela muda conforme o ponto de vista, mais que a côr ela é o corpo em nós, ou para nós.

TIRSIS — Essa intimidade talvez seja o motivo de

za com que revela as coisas.

ZEUXIS — Mas também a côr tanto revela nós mesmos, como o azul e o cinza têm tranquilidade ou melancolia, como a púrpura é orgulho e morte.

SOCRATES — Meus amigos, vivemos muito pelas retinas. Veja o nosso vocabulário interior; idéias claras, dias negros, pensamentos nítidos. Este mundo que roça em nossas pupilas, como um mármore docil se amolda nas formas da intimidade. Não vivemos propriamente, convivemos, nós, com os outros, com a paisagem, sem que os limites possam ser desenhados, eles são a metamorfose, a mudança daquele cipreste em imagem nossa, a mudança da jovem em amor, e para usar tuas metáforas, Tirsis, notas de flautas, de cimbalos ou da lira em única música. As estrelas também na sua serena arquitetura espelham esse nosso misterioso conviver. Porém, Zeuxis, meu caro, torne a falar da união entre a linha e a côr. É o teu campo, poderás elucidar-nos.

ZEUXIS — Prefiro falar

como pintor; dizendo imagens. Assim o rubor dos lenhos feitos chama, ou a vaga, glauca, transparente, naquela forma agil em que o impulso se modela, para sôfrega voltar-se sobre si própria, lacerando-se na crispada cloridade das espumas.

E aqui já falamos na luz, que revela a ambas, que une ambas na forma.

TIRSIS — A luz é a sombra dos deuses. Ela dá vida mesmo às pedras. Imagina uma tocha pelos pórticos ou na ana de sacrifício. Ela celebra as distâncias pelos lampejos noturnos. Eu vejo na luz o diálogo entre as coisas.

SOCRATES — Meu bom Tirsis, compuseste uma ode. Mas a luz ao meu ver — eila! (e o gesto acena a janela aberta sobre a manhã). Retornemos porém à tua ode. Aludiste às distâncias. Contudo, o que será a distância? O que será o volume das coisas, que tu, Zeuxis, como ilusão, nos ofereces pelos quadros? Esse volume de que as formas compartilham.

ZEUXIS — Melhor que eu poderias dizer o que seja a distância. Sócrates.

MATISSE

Quase aos 80 anos, o "Selvagem" Matisse que, pela unidade de sua obra os colecionadores estão a preferir ao dispersivo Picasso, depois de exotar o que se poderia chamar o período das "Odaliscas", que é o "trade mark" de sua pintura, dedica-se à decoração da capela de Saint Dominic, isolado de Paris, nessa solidão mediterrânea de Vence, histórica ensolarada e repousante. O fauno transmuta-se em beato. Depois de atravessar a fase de sensualismo das "Odaliscas", o "Selvagem" retrai-se ao mundo de Vence, dedica o que resta de sua potencialidade física e criativa à arte religiosa anunciando: "Não mudei!" Com isso deixa aos apreciadores a dúvida sobre se o que pintou foi a obra da criação ou da sua recreação.

Agora mesmo, ao correspondente H. L. Hart, que o visitou na Riviera e o viu de cama assemelhado ao sauto-riato de Cézanne, protestou contra a idéia de que na velhice arrepende das diabruras de moço. A capela que está reco-

rando não lhe oferece outra coisa que a oportunidade de aplicar à arte religiosa certas investigações que o interessaram como artista.

Ao libertar-se a França mais de um continente perguntou inquieto: "E Matisse? Sobreveiu o velho?" De Picasso, como de tantos outros que "furaram" o bloqueio, contava-se até anedotas tão vivas estava. Mas, de Matisse, nada se soube durante a censura. Desde 1943, que se isolara em Vence e ainda lá vivia, pintando e cuidando da horta aparentemente alheio à sorte do mundo que se consumia a poucos quilômetros do seu retiro mediterrâneo nessa Riviera "resort" elegante de milionários americanos e de exilados príncipes russos.

Hart foi vê-lo em Vence, à beira dos 80 anos, derreado de corpo mais ainda frugal, falando mal de Picasso e temendo a Deus como um vulgar "chou-chouing" de aldeia.

PAULO DO COUTO MALTA

É sábio. Para mim, artifice, a distância é o que permite o meu gosto entre o vaso de tinta e a superfície de argila. E tu, já nos confessaste uma vez que a distância é nitidamente misteriosa, como tudo que nos cerca.

TIRSIS — O que nos tranquiliza, possivelmente, é a alegria que as coisas nos podem dar. Pensemos nessa misteriosa distância no alto do Himeto. Contemplaremos as casas, os vales, o mar, o bosque, que agrado, que comunhão silenciosamente tudo explicando. Se não amarmos as coisas, elas permanecerão mudas. Amando o espaço, somos espaço, e o entenderemos.

UM APRENDIZ — (entrando repetino) — Zeuxis, Parsifae acaba de chegar.

ZEUXIS — Faça-se entrar. (aos outros). É o modelo daquela Iligênia. Veio hoje para um esboço de Pallas. (Surge Parsifae e segue para um canto iluminado; Zeuxis escolhe a atitude e inicia a marcação).

SOCRATES — Veja Tirsis, Zeuxis já se deixou plenamente absorver pelo trabalho. Não escutará mais nada do que dissermos. Ei-lo senhor do demônio íntimo. Como seu olhar procura toda a beleza oculta na realidade. Muda aqui um traço, corrige ali o mundo, tentando fazer o que as coisas deveriam atingir.

TIRSIS — O seu ver não é mais apenas esta fonte em que o mundo jorra cloridade e côr e linha na nossa noite. Ele modela o fluir, tenta o cristal e toda a vida aflora nesse ato.

SOCRATES — É o fazer quase puro, essa náutica alquimia que, como dissesse, recolhe a realidade e procura cristalizá-la, engrandece-la interiormente, infundindo depois a idéia do mundo.

É mistério para os que não fazem. Vive-se deste modo um dos poucos momentos onde poderíamos dizer — atingimos! É que amor se concebe em tal ato!

TIRSIS — Os deuses devem ser assim.

Um Poeta de Pernambuco

SERGIO MILLIET

Prefaciando os poemas de Joaquim Cardozo (Poemas — Agir, ed. — Rio, 1948), o sr. Carlos Drummond de Andrade observa que "a poesia moderna foi em grande parte uma poesia de região, de município e até de povoado, que se atribuiu a missão de redescobrir o Brasil, considerando-o antes encoberto que revelado pela tradição literária de cunho europeu". Toda essa poesia que se extereoriza com Antropofagia, Verde e Amarelo o movimento de Recife etc., traz um "excesso" do Brasil, o qual como pondera o prefaciador, "corria o risco de degenerar simplesmente em excesso de pitoresco, de tal modo o particular se substituiu ao geral na coteguidão dos revolucionários, marcado, ainda por uma tendência pulverizadora ao humorismo".

O sr. Carlos Drummond viu com justeza e perigo da onda regionalista, mas deveria ter dada ênfase maior ao humorismo como causa do excesso de pitoresco. A intimidade da Província procurada pelo poeta moderno, longe de ter sido um mal foi a mais benéfica das reações, pois afastou sem dúvida definitivamente da nossa produção a angústia da capital, do aplauso da capital dos temas da capital, tudo isso que ao autor provinciano se impunha como deveres poéticos e o impedia de se encontrar. Todos tinham vergonha de sua aldeia, vergonha da paisagem familiar. Falava-se então de outonos, de platânos, de asfalto, quando não de gregos e gauleses. O movimento regionalista acabou com isso e, permitindo a eclosão de um maior número de talentos poéticos, ofereceu-nos soluções mais puras e mais profundas. É verdade que logo ocorreu o excesso e começaram a surgir (até nos poetas da cidade grande, sobretudo nestes) as explorações pitorescas ou piegas do sentimento regional. Mas o excesso de humor foi um terrível escolho desde o início. Para dois ou três poetas, amargos, que da solução tiraram efeitos admiráveis, centenas de outros abusaram da paciência do crítico e da ignorância do público impingindo-nos uma melancolia e pouco espirituosa borracheira. O poema-piada, arma de ataque à falsa solenidade do parnasianismo, ou marca de pudor, logo se transformou em sistema comodo de fugir à responsabilidade poética. Foi o primeiro (sem artigo de 1926) a atacar essa tendência. Já após os primeiros escândalos de 1922 eu apontara as razões dessa técnica e a sua necessária transitoriedade. Foram entretanto precisos 20 anos ainda para que os novos ou-assesem enfrentar de novo os

problemas da forma e do fundo com um espírito realmente construtivo. Alguns, como o sr. Carlos Drummond, souberam salvar-se "das demasias próprias de todo período de renovação literária". Outros se salvaram pelo brilho e a riqueza da invenção vocabular ou sintática. Bem poucos, porém, dos que apareceram entre 1930 e 1945 (para deixar de fora a geração revolucionária) conseguiram libertar-se do vício humorístico (que confundiram com o dom do humor).

Joaquim Cardoso, cujos primeiros poemas publicados datam de 1925, pôde, espantosamente, escapar a tais influências daninhas. Sua obra, só agora reunida em volume, revela um poeta bem mais próximo dos novíssimos, que de seus pares, homens de 50 anos mais ou menos. Não se depara, mesmo nos versos mais presos ao formulário da época, nenhuma concessão fácil. Por isso, talvez, não tenha tido de chofre o aplauso dos que marchavam a seu lado no exercício renovador.

O poema inicial do livro: "As alvarengas" podia ser, não fossem certas sínteses ousadas, assinado por um romântico verso-livrista:

As alvarengas!
Ei-las que vão e vem; outras
[paradas,
Imóveis. Ar silêncio. Azul céu,
[suavemente,
Vêm de longe dos campos sa-
[queados,
... ..
trazendo nos bojos negros,
para a cidade,
a ignota riqueza que o solo
[vencido abandona,
o latente rumor das florestas
[despedaçadas.

Há por certo um "ar silêncio" que jamais quem não passou pelo modernismo escreveria. Mas impressionam desde logo a nobreza e a fé de que fugiram os modernos, horrorizados com quaisquer possíveis confusões.

Também de 1925 é esse poema do "homem dormindo", isento totalmente das agressividades do momento e já marcado por uma concepção transcendente nada comum então:

O homem que dorme é um
[menino
... ..
O seu rosto parece uma noite de
[lua,

ele tem nas mãos o espírito uni-
[do de um lago,
ele tem sob os olhos a sombra
[tranquila das coisas,

O que falta a essa poesia "diferente" é um pouco mais de condenação, de maturidade. O que lhe falta também é uma noção precisa, profunda do ritmo. Mas virá com o tempo. Virá depois de 1934, ano de sua maior produção e que se caracteriza pela descoberta de uma frase poética larga, flexível, a preparar a chegada de algum decassílabo que assinala certo ponto alto do poema. Exemplo:

Através do quadro iluminado
[da janela
olho as grandes nuvens que che-
[garam do Oriente
e me lembro dos homens que
[seriam meus amigos
se eu tivesse nascido em Sin-
[gapura,

A tendência para uma forma mais pura e mais musical vai acentuar-se muito devagar, atingindo a solução mais perceptível ao leigo somente nestes últimos anos em que o poeta manejará com sabedoria o verso de sete sílabas, arrancando de sua monotonia natural uma linha melódica sutil e paradoxalmente grave:

Serão os anjos da paz
estes seres nebulosos
surgidos da noite enorme
— Noite de luto e mortalha.
Vestidos de dor, manchados
da lama de terra e sangue
que na nos campos de batalha?
Serão os anjos da paz?

Idêntica grandeza consegue o poeta impôr ao saltitante, irrequieto, verso de cinco sílabas:

Nesse fundo verde
de cinza tão branca
que se apure um mel
de brilho sem par;

Ao mesmo tempo que a forma se purifica, que o poeta encontra a sua originalidade dentro da disciplina redescoberta, decanta-se o espírito, eliminam-se as últimas concessões à moda e ao malabarismo verbal.

Diz Carlos Drummond no já citado prefácio que Valéry passou por aqui. De fato, parece que nesse mestre, que é também um dos mestres desses novíssimos atacados pelos tetrarcas de 22 mas que vão fazendo a "sua" revolução com tenacidade, intrepidez e nobreza, aprendeu muitíssimo o sr. Joaquim Cardoso. Ensinamento utilíssimo de síntese, de limpidez formal e de profundidade por vezes difícil. O poeta tal qual o jovem Cabral de



EUCTALIPTOS — Odon Bezerra

Meio Neto, igualar de sua terra, sabe que a poesia milagrosa da imagem poética exige paciência e energia. O poema, e a seu ver uma obra de arte, da qual não se afagará a inspiração, da qual não será capulsação, mas na qual a inteligência terá uma participação considerável. Veja-se mais este trecho do belo poema "Os anjos da paz":

Eles vieram da noite
no sopro da tempestade
trazendo nas vestes negra
do lado do coração

uma camélia tão branca
de um branco muito mais
[branca
que as asas de uma ave
[branca
que as asas de uma ave
[mansa
passando na claridade
num voo só de esperança
sem sombra deixar no chão.

Em "Imagens do Nordeste" o poeta alcança uma grande harmonia entre a pureza que decorre da inteligência e o imperativo da emoção. É um desses poemas que acabam figurando e todas as antologias.

Ave e flor do azul profundo
primazia do mar alto,
vela branca, predileta;
na transparência do dia
es a flâmula discreta.

É a lâmina ligeira
cortando a lã dos cordeiros,
ferindo os ramos donados;

E enquanto o sol vai crescendo

o vento recolhe as nuvens
e o vento desfaz a lã;
vela branca, edsvairada,
mariposa da manhã.

A minha casa amarela
tinha seis janelas verdes
do lado do sol nascente;
janelas sobre a esperança
paisagem, profundamente

Terra erescida, plantada
de muita recordação.

Voltando para terminar, ao excelente prefácio de Carlos Drummond, quero dizer também que os últimos versos de Joaquim Cardozo "são em certos trechos a concreção do inefável"

(Do "Estado de São Paulo" —

4 — Maio, 1948.

O Correio NA SERRA

LOPES DE ANDRADE

PERMINIO ASFORA E
MAURILIO BRUNO GOSAM
OS ARES DA SERRA

DURANTE a última semana as rodas literárias de Campina Grande tiveram agitação inusitada. Aqui estiveram gozando os ares da Serra, por dois dias e meio os escritores Perminio Asfora e Maurilio Bruno. Os dois diretores de "Resenha Literária" entraram em contacto com o meio literário local, tendo impressionado fortemente ao autor de "Sapé" o número de sonetos inéditos dos vates serranos.

"Uns tinham modestamente

cincoenta sonetos inéditos, contava-me o romancista de "Noite Grande", porém outros me foram apresentados, como autores de duzentos, quinhentos e até de oitocentos sonetos inéditos!"

Essa produção poética em números progressivos, segundo a opinião do crítico de história Maurilio Bruno, parece estar em relação direta com o desenvolvimento comercial e industrial de Campina Grande. É como se os poetas não quizessem ficar atrás, na corrida com os comerciantes, determinando-se a amealhar seus sonetos na mesma progressão com que os comerciantes amealham seus cruzeiros.

tuais de todas as espécies e categorias. E o velho filósofo conta a todos atende, cada vez mais apoiado sobre os seis tomos da "Filosofia Positiva" e na perene juventude de seu espírito e de seus cabelos.

JOSÉ LINS DO RÉGO,
ROMANCISTA REVOLUCIONÁRIO

Não sei se fôram os ares da serra, ou se há alguma malícia em seu pensamento, mas a verdade é que o romancista de "Sapé", que vem mantendo ardorosa polémica com José Lins do Régio, acaba de fazer-me confissões altamente elogiosas ao autor de "Banguê" e "Menino de Engenho" que, na sua opinião, possui qualidade de romancista verdadeiramente revolucionária e superior, por exemplo, às de Jorge Amado e outros romancistas da geração post-modernista.

"Minhas brigas com o Zé Lins são o resultado de um simples mal entendido, confessou-me Perminio Asfora. Admiro e respeito o romancista paraibano, de quem tenho apontado defeitos, mas cujas virtudes absolutamente não nego".

SAUDADES DA SERRA

Encantados com os ares serranos, deliciosamente frios e húmidos nessa época de inverno, os diretores de "Resenha Literária" voltaram para o Recife com saudades do

"caldo de cana", dos sonetos que se amealharam como se fossem cruzeiros, dos sonhos bovaristas e da inocente felicidade que ainda acalentam a existência dessa fabulosa cidade serrana.

O "CORREIO DAS ARTES" E AS NOVAS
GERAÇÕES PARAIBANAS

Na "Livraria Pedrosa", onde agora são encontrados, todos os dias, exemplares do "Correio das Artes", os escritores Perminio Asfora e Maurilio Bruno tiveram oportunidade de constatar o crescente interesse dos campinenses pelo esplêndido suplemento literário da "A UNIÃO". Em palestra com o livreiro Pedrosa elogiaram o esforço e destacaram a importância do movimento intelectual das novas gerações paraibanas, que estão encontrando na iniciativa vitoriosa do poeta Edson Régis seu mais firme e inteligente ponto de apoio.

O "CALDO DE CANA" DO
ESCRITOR HORTENSIO
RIBEIRO

Outro ponto obrigatório das visitas intelectuais a Campina Grande é o escritório de advocacia do escritor Hortensio Ribeiro. Nos fundos de seu "Caldo de Cana", como pitorescamente o escritor prefere chamar seu escritório de advogado, realizam-se animadas ter-

túlias políticas e literárias, de manhã à noite, entremeadas de cafésinhos, fugazes intervenções femininas e, não raro, amenas taças de "bate-bate" de maracujá fabricado com frutos da própria lavra do escritor. Diariamente ali vão render suas homenagens ao filósofo campinense e a seus excepcionais doctores de "causeur", Deputados, Vereadores, Juizes, Prefeitos, jornalistas, professores, intelec-

HUMILDADE — Poema de Milton Coura

Podesse eu ser a gota d'água
que traçou o caminho entre os seus seios,
ser a taça que antecipou meus lábios,
ser a terra que cedeu a seus passos.
A quem pedirei eu
a humilde condição do lago que banhou seu corpo?
Eu que sou vagabundo ignorado e triste
desejaria apenas
me transformar na luz para os seus olhos,
na sombra para seu descanso,
no riso para a sua boca.
Mas afastai-a de mim — homem de impuras palavras.
Eu vos peço: Afastai-a de mim
para que o verme da desgraça não a encontre
magoada e triste à beira de um caminho.

Escolas Literárias

(CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

JOSÉ BRASILEIRO

E' que as escolas, refletindo o espírito dos tempos, se afirmam como doutrina, como teoria literária. Reagem contra um estado de coisas dominante, conta uma teoria estética em estado de saturação. O Romantismo, por exemplo, foi a negação do classicismo, constituindo-se uma vitória do coração sobre a razão, dos sentimentos sobre o espírito, do homem-indivíduo sobre o homem-universo. O Realismo, O Realismo, igualmente, foi, em época posterior, uma reação contra o Romantismo, demasiadamente repetido em seus temas, suficientemente exgotado na sua expressão. O Naturalismo, por sua vez, não foi apenas um exagero ou um prolongamento do Realismo, como quiseram alguns, pois, denunciando a insuficiência da técnica realista, que se limitava à observação e, por isto, criava o "romance documental", apelou também para a experiência e, seguindo o conselho de Zola, para quem o romancista deve ser um misto de observador e de experimentador, estabeleceu as bases do "romance experimental".

Era, portanto, doutrina contra doutrina, teoria contra teoria. Eram autores que se submetiam "à direção de uma convicção" e se revoltavam ora contra uma técnica deficiente, ora contra uma técnica popularizada e consequentemente, adulterada. Eram escritores, enfim, que, procurando realivavam sua própria liberdade de artistas e se subordinavam conscientemente a uma disciplina literária, constituindo-se em escolas. Porque escola, na verdade, é também afirmação de princípios, determinação de limites, disciplina literária, mas, sobretudo, é unidade e pluralidade: unidade de doutrina e pluralidade de autores.

Recife, Maio, de 1949.

Música

VER desportando interesse a realização, em setembro próximo, do 1º Congresso de Música do Nordeste.

Trata-se de uma audaciosa iniciativa da SOCIEDADE DE CULTURA MUSICAL DA PARAIBA que achou de reunir, em João Pessoa, as mais expressivas figuras da música no Nordeste, e todos aqueles que se interessam pelo desenvolvimento artístico de suas províncias.

Nam Congresso de Música muita coisa poderá ser resolvida. Exige-se apenas o espírito de compreensão e entusiasmo de cada membro participante. Os interesses políticos, os sentimentos de rivalidade, as discussões e reciprocidades tudo isto deve ficar em casa. Nesse Congresso, somente um assunto deve ser discutido: a música, bem como os meios indispensáveis à sua vida e ao seu desenvolvimento.

Afora os propósitos artísticos esse Congresso, que esperamos se realize com êxito, terá um sentido fraternal, unindo todos os professores, críticos, artistas, alunos e admiradores da divina arte.

A ideia do Congresso envolve

uma grande responsabilidade e um elevado sentido cultural. Esperamos que a iniciativa da "Cultura" não fique nesse começo de história de transição.

"Érá uma vez um congresso, que não se realizou..."

A ESCOLA DE MUSICA "ANTENOR NAVARRO" e a ESCOLA DE MUSICA "SANTA CECILIA" resolveram associar-se às comemorações que se vem realizando em todo mundo em homenagem ao centenario da morte de Frederico Chopin. O primeiro festival de "Antenor Navarro" terá lugar, esta semana, com a participação de varias alunas.

Em setembro próximo, se exhibirão as alunas da professora Zubmira Bojelho.

OBTIVE primeiro lugar, no CONCURSO-CHOPIN realizado no Rio de Janeiro o pianista português Oriano de Almeida, ex-aluno do professor Waldemar de Almeida e uma autentica vocação de artista do teclado.



A Cristo Crucificado

(DE AUTOR ESPANHOL NÃO IDENTIFICADO)

Tradução de Manuel Bandeira — Ilustração de Santa Rosa

NÃO me move, meu Deus, para querer-te
O Céu que me hás um dia prometido:
E nem me move o Inferno tão temido
Para deixar por isso de ofender-te.

Tu me moves, Senhor, move-me o ver-te
Crayado nessa Cruz e escarnecido.
Move-me no teu corpo tão ferido
Ver o suor de agonia que êle verte.

Moves-me o teu amor de tal maneira
Que a não haver o Céu ainda te amara
E a não haver o Inferno te lemera.

Nada me tens que dar porque te queira,
Que se o que ouse esperar não esperara
O mesmo que te quero te quisera.

UM CONTISTA ABRE O SEU CAMINHO

(Conclusão da última página)

destacando-se, no gênero, pela qualidade das suas narrativas, Breno Accioly, Luiz Jardim, Oswald Alvim, Guilherme Figueiredo, Anibal Machado, Helena Silveira, Origenes Lessa, Lia Corrêa Dutra, Mário Neme, Braga Montenegro e João Guimarães Rosa, o vigoroso autor de "Sagarana", e todos eles se apresentaram com sua maneira própria de contar, com seu jeito particular de escrever, sem mostrar influên-

cia. Também, Dalton Trevisan tem o seu modo especial de contar, seu jeito de escrever. O jovem contista paraense tem aberto o seu caminho com a publicação, em 1946, da novela "Soneto ao Luar", e agora com os contos reunidos em "Seis Anos de Pastor". Esse caminho êle o abriu com uma decisão, um vigor, um jeito que prenunciavam um escritor de muitos méritos.

Um Contista Abre o seu Caminho

NEY GUIMARÃES

COISA perigosa é um livro de contos. Porque está subordinado aos recursos técnicos, que a experiência faculta, e também à escolha do assunto. São qualidades que o contista deve conter. Dois elementos importantes, decisivos. Contando com eles, um escritor do gênero está em condições de realizar um volume de mérito. Poucos os contistas que reúnem essas qualidades e que, por isso mesmo, podem apresentar um livro igual, uniforme. A maioria dos volumes de contos mostra uma obra irregular, revelando uma posição de desequilíbrio do autor. Reunindo suas produções num só volume, um contista precisa selecioná-las com o maior rigor. Aí está o perigo principal do livro de contos. É preciso submeter os trabalhos a uma avaliação de conjunto, para poder, com êxito, fazer face à colação conseguida com os melhores contos, avulsamente. Do contrário o conceito declina. O esforço, o pensado e o bem acabado não suprem, jamais, como acontece em outros gêneros da literatura, a escolha mal sucedida do assunto. De igual modo, o assunto bem escolhido não pode compensar o desenvolvimento desinteressante, por mais rico que se apresente. Em geral, entretanto, a seleção que prevalece é a que se faz a partir dos contos melhores. Mas nesse aspecto da questão entram precisamente muitos fatores, e o mais forte, sem a menor dúvida, é o da preferência. Cada pessoa tem o seu gosto. E esse gosto varia não só com referência aos autores, senão também no que concerne aos trabalhos dos escritores. Podemos perfeitamen-

te não gostar de um livro de determinado escritor de nossa apreciação, que conte com outros volumes que consideramos do mais alto valor. E num mesmo livro encontramos trechos de muito agrado e outros que desaprovamos.

Esse desequilíbrio é o que se dá exatamente com o volume de contos últimamente editado, "Sete Anos de Pastor", de autoria de Dalton Trevisan, um jovem de grandes qualidades do Estado do Paraná, bastante conhecido nos meios intelectuais de todo o país pela sua estrênuo atividade à frente da revista "Joaquim", como também pela significação de diversos trabalhos de causarem sucesso aparecidos em várias publicações literárias.

A nota característica dos contos de Dalton Trevisan é o tom humorsístico. Logo às primeiras linhas de seu livro percebe-se o observador atento das criaturas, sabendo ver e sabendo ainda

melhor ouvir e servir-se de uma linguagem própria, de forma a manter bem vivo o interesse pela narrativa.

Há profundidade psicológica, penetrando o autor no âmago das vidas atribuladas das suas personagens. Vez por outra um pormenor cru, realista, grosseiro mesmo, irrompe na narração, dando-lhe maior sabor.

Dalton Trevisan tem o seu modo próprio de contar e já encontrou o seu meio melhor de expressão, aquele a que mais se ajusta, as suas características essenciais. Nêle há qualidades que já frutificaram. Sabe em geral observar, apresentar seus tipos, animá-los.

Os dramas sentimentais e cotidianos das personagens movimentadas por Dalton Trevisan nos dão, é verdade, impressão de vida. Apesar disso, não conseguem provocar uma forte emoção da presença humana. Parece faltar ao jovem contista do vizinho Estado

simpatia pelas criaturas que se movem nas suas pequenas histórias. E essa ausência de simpatia faz com que o instantâneo perca seu significado essencial e humano. Nesse caso estão particularmente as personagens que se apresentam nos contos intitulados "Sete Anos de Pastor", "Rachel", "Nicanor" e "O Bem Amado". Ao autor falta gosto pelas suas criaturas e isso importa em ausência de vida e movimento. O que existe é apenas uma simpatia reservada, de desconfiança.

Já nos contos "O Retrato", "Flausi-Flausi", "Euclides, a de olhos doces", "Ponto de Crochê", "Um Jantar" e "De Amor", procede o autor diferentemente e se mostra interessado em ver as suas personagens agir e viver. Toma, portanto, atitude diversa e parece entrar na ação, não perdendo nenhuma vibração nada que represente satisfação e angústia para as suas criaturas. Há fortes elementos de vida nesses contos.

Tem, Dalton Trevisan, graça no narrar, acuidade de observação, manejo seguro da linguagem. Nas histórias que formam "Sete Anos de Pastor" percebe-se que o autor se prende ao material real, e, ao mesmo tempo, dá largas à sua imaginação, transformando o material bruto em obra de arte. Seus contos têm feição artística; são trabalhos criativos, com cor e vida. Revela-se o processo do artista, criando o seu mundo próprio com o material que a realidade lhe fornece. O conteúdo real dá força artística ao livro.

Apareceram entre nós nos últimos anos alguns contistas de merecimento, (Conclui na página 15)

PINTURA PARAIBANA



FIM DE SEMANA — Leonardo Leal